

Compostos satíricos em português: bases unidas em favor da criticidade

Bruno Silva Lopes¹

Resumo

No presente trabalho, pretendemos demonstrar que, não raro, novas formações compostas surgem em contextos políticos por motivações estilísticas, fundamentalmente para expressar ironia, humor e crítica.

Palavras-chave: Neologismo. Compostos. Estilística. Contextos políticos.

Abstract

In this paper, we intend to demonstrate that, often, new compounds appear in political contexts for stylistic reasons, mainly to express irony, humor and criticism.

Keywords: Neologism. Compounds. Stylistic. Political contexts.

Introdução

“(...) a linguagem pode e deve ser recriada em cada enunciado, representando isso não uma mutilação ou ameaça, mas, ao contrário, seu fator de enriquecimento.”²

No âmbito da formação de palavras em português, a composição, sem dúvida alguma, figura entre os processos vernáculos mais produtivos. A história mostra que tal mecanismo tem contribuído grandemente para o enriquecimento lexical de nossa língua, razão por que tem sido tema de inúmeros estudos gramaticais e linguísticos ontem e hoje.

É de notar, no entanto, que a gramatologia portuguesa, no mais das vezes, apresenta abordagens bastante superficiais no que concerne à formação de palavras em português. No tocante à composição, em especial, normalmente se apresentam palavras já prontas (*aguardente, guarda-roupa, girassol, pernillongo* etc.), as quais sugerem um caráter estacionário e não criativo do processo. A nosso ver, isso traz, ao menos, duas implicações: primeiro, ignora-se a competência lexical dos falantes, que, como sabemos, está presente até na linguagem das crianças; segundo, excluem-se peculiaridades estilístico-discursivas presentes no ato de formação de alguns compostos, as quais nos permitem fazer uma análise que transcenda uma visão imanentista da língua.

¹ Mestre em Letras (Língua Portuguesa) pela UERJ, professor do CESVA e Tutor de EaD (Letras-UFF/CEDERJ).

² MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 10.

Desse modo, partindo de uma concepção dinâmica do léxico português, este trabalho objetiva demonstrar que novas formações compostas surgem por motivações estilístico-discursivas para expressar também ironia, humor e crítica. Como veremos, a composição permite uma maleabilidade bastante grande no que tange às possibilidades combinatórias do português. Nesse sentido, muito embora tenhamos estruturas mais sistemáticas como substantivo + substantivo (*projeto-pijama*, *família-laranja*), por exemplo, é comum depararmos-nos com combinações inusitadas, muitas delas imbuídas de expressividade como encontramos em *bolsa-isso* e *bolsa-aquilo* (cf. seção 03), cujas estruturas unem substantivos a pronomes demonstrativos.

Para a consecução dos objetivos supra expostos, valer-nos-emos do *corpus* que usamos em nossa dissertação de mestrado (LOPES, 2011)³, que foi composto de textos de natureza política veiculados pela mídia impressa no ano de 2010, época em que corriam as eleições presidenciais e distritais em nosso país. Releva dizer que trabalharemos aqui somente com neologismos, isto é, palavras recentemente criadas e ainda não dicionarizadas, de sorte que se perceba a larga produtividade da composição em português e sua expressividade em contextos políticos.

Nesse sentido, assinalemos que nossa análise não se circunscreve a observações de cunho estrutural. Quando pertinente – e, em se tratando de neologismos estilísticos, quase sempre é – esclarecemos a origem do novo signo com informações extralinguísticas que, a nosso ver, enriquecem a abordagem aqui proposta, visto que a manifestação de atitudes subjetivas por meio dos compostos, escopo deste artigo, está intimamente vinculada às funções sociais da língua e ao contexto de produção das formas.

Assim, num primeiro momento, teceremos breves considerações acerca dos compostos em português, enfocando algumas de suas particularidades estruturais e classificatórias. Nesta parte do trabalho, também faremos breves comentários acerca dos compostos satíricos em português, objeto precípuo deste estudo. Em seguida, apresentaremos dados, por meio dos quais sustentaremos que os compostos frequentemente se prestam, nos termos de Basilio (2003)⁴, à função discursiva de formação de palavras⁵, uma vez que comumente sinalizam impressões subjetivas dos falantes no ato discursivo.

Sucintas considerações acerca da composição em português

A composição é um processo geral de formação lexical que consiste na criação de palavras novas a partir da combinação de bases preexistentes⁶. Tendo em conta a

³ LOPES, Bruno Silva. *A dinamicidade lexical em textos de domínio político: ecos das eleições de 2010*. 169f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Releva dizer que a maioria dos exemplos utilizados em outras seções deste artigo também provém do *corpus* de nossa dissertação.

⁴ BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

⁵ Para Basilio (2003), há três principais funções para a formação de palavras em português, quais sejam: (1) função semântica (nomeação de novas realidades), (2) função sintática (reutilização de uma palavra de uma classe em outra) e função discursiva (manifestação de atitudes subjetivas e função textual). Veja-se Basilio (2003) para mais detalhes.

⁶ No capítulo sobre a formação de palavras, é comum a gramatologia portuguesa reservar um espaço à parte para os chamados hibridismos. São híbridas as formas que agregam em uma formação lexical elementos de línguas diversas. Neste trabalho, seguiremos as orientações de Henriques (2007), para quem os hibridismos devem ser considerados complementares no quadro classificatório dos

estrutura fonológica dos compostos, a tradição gramatical cindiu-os em dois grandes grupos, a saber: compostos por justaposição e compostos por aglutinação. No primeiro caso, a unidade lexical formada mantém sua integridade fonológica (número de sílabas e acento próprio): *fichas-sujas*, *livro-bomba*, entre outras. Já no segundo caso, os elementos intervenientes na composição subordinam-se ao acento de um dos constituintes. Na aglutinação, é comum um ou outro constituinte perder segmentos. É o que ocorre com *Chináfrika* (*Folha de São Paulo*, 30/05/2010), em que se suprimiu o [a] de *China*.

Ocorre que, em vários casos, a composição não se circunscreve à união de apenas dois elementos. Por meio de uma junção sucessiva de bases, engendram-se novas unidades lexicais. Henriques (2007)⁷ chama o fenómeno de *supercomposição*. Veja-se este exemplo extraído de *O Globo* de 19/09/2010:

“Mas você já parou para pensar no que vai acontecer depois da eleição dela [Dilma Rousseff]? Vai sair até vento, na hora em que o pessoal da **farinha-pouca-meu-pirão-primeiro**⁸ der a largada, sai de baixo, vai ser um valeduto. Sinta as foices zunindo, sinta os rabos de arraia (...)”.

Este outro exemplo de Augusto Nunes, colunista de *Veja*, também é bastante expressivo:

“Foi alentador saber que o Sensus encontrou mais **brasileiros-descontentes-com-o-governo**, espécie à beira de extinção de dois anos para cá.” (*Veja*, 16/09/2009)

289

A sabedoria popular nos lega incontáveis exemplos de formas supercompostas. É de notar que muitos deles já se encontram consignados nas representativas obras lexicográficas do português. Recorrendo a Houaiss (2009),⁹ encontramos diversas variantes regionais que são usadas para denominar um popular pássaro da fauna brasileira, que, entre nós do sul do estado do Rio de Janeiro, recebeu a alcunha de *Trinca-Ferro*. Dentre elas, algumas figuram como supercomposições: *Tapera-viola-de-aza-verde*, *Bom-dia-seu-chico*, *Trinca-ferro-de-asa-verde*.

processos de composição e derivação. Nesse sentido, itens lexicais como *Serraboy* (português e inglês), *embromation* (português e inglês), entre outros, pertencem, respectivamente, aos processos de composição e de derivação. O autor observa ainda que o hibridismo só pode ser comprovado sincronicamente em palavras que apresentem, ao menos, um elemento não vernáculo. Os exemplos supracitados congregam elementos do inglês e do português. Por isso, pode-se dizer que se trata de uma composição e de uma derivação híbridas.

⁷ HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

⁸ Nas supercomposições, também chamadas de unidades fraseológicas, os redatores do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) decidiram pela não hifenação, com exceção dos nomes zoológicos e botânicos. Assim, *salve-se quem puder*, *deus nos acuda*, entre outras palavras, são grafadas sem hífen. Neste trabalho, mantivemos a grafia usada pelo autor. Como ainda convivemos com duas ortografias, admite-se a fase de transição nesses casos.

⁹ HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 3.0*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009. CD-ROM.

Importa observar que a composição pode se materializar com bases presas. As palavras *racismômetro*, *tucanopatia* e *narcoterrorista* podem ilustrar esse tipo de formação. Com efeito, muito embora *metro*, *patia* e *narco* não tenham livre curso na língua, atuam também na produção de novos itens lexicais. Esses elementos têm, geralmente, origem grega ou latina e são utilizados não só nas terminologias científicas, mas também na linguagem comum.

Até aqui, as palavras compostas listadas ora apresentaram hífen, ora se apresentaram fundidas numa só unidade gráfica. No entanto, há grupos de elementos que funcionam como genuínas unidades lexicais, sem apresentar indício gráfico algum de junção. Considerem-se estes excertos:

(a) “Quando você faz um **choque de gestão**, e entrega bons resultados ano após ano não há politicagem que atrapalhe a percepção da melhora por parte da população.” (*Veja*, 07/04/2010)

(b) “Acrescente a famosa ‘**margem de erro**’ que faz um candidato com hipotéticos 34 pontos valer apenas 32 ou já ter chegado a 36.” (*Veja*, 28/04/2010)

(c) “Pena que, quando eleitos, a única coisa que os preocupa são comissões, propinas (...) **cargos de mando** (...)” (*O Globo*, 12/09/2010)

(d) “**Efeito Tiririca** nas Eleições.” (*Veja*, 06/10/2010)

Em trabalho clássico acerca da inovação lexical em português, Alves (2007)¹⁰ faz menção à composição satírica, que consiste na união de bases com o propósito de despertar a atenção do leitor quer pelo caráter incomum da associação, quer pelo número de elementos que integram o composto. Tais formações comumente objetivam provocar riso e ironia, concorrendo, muita vez, para a expressão da crítica em diferentes tipos de texto. Na próxima seção, apresentaremos alguns compostos extraídos de nossa dissertação de mestrado (LOPES, 2011), no intuito de demonstrar o quão fértil são os neologismos compostos cunhados para a manifestação de atitudes subjetivas em contextos políticos.

Exemplos de composições satíricas no discurso político

Os auxílios concedidos pelo Governo Lula aos mais carentes sempre foram alvo de muitas objeções. Um leitor de *Veja*, descontente com a política de bolsas de Lula, criou com ironia-crítica, os neologismos *bolsa-isso* e *bolsa-aquilo* com vistas a demonstrar tal descontentamento. Note-se que a vacuidade semântica dos pronomes demonstrativos, somada à implacável seleção lexical, concorre para depreciação dos programas assistenciais do ex-presidente:

¹⁰ ALVES, Ieda M. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

“Podem roubar à vontade parece dizer o chefe da quadrilha, que aproveita a sua popularidade e a ignorância (...) do povo, que em troca de **bolsa-isso, bolsa-aquilo**, lambe migalhas que caem do chão do banquete promovido por esse partido infame.” (*Veja*, 22/09/2010)

Oportunamente, em matéria intitulada *Bolsa-Cabresto* (*Veja*, 27/01/2010), jornalistas de *Veja* também manifestaram seu inconformismo em relação a programas como o Bolsa Família. A criação neológica parece sugerir que o Governo Lula insiste no assistencialismo com a intenção de estabelecer com os beneficiados uma situação de dependência, o que lhe renderia votos em eleições vindouras. Assinale-se o caráter sugestivo da composição metafórica, que, por meio da palavra *cabresto*, acentua a relação de subserviência entre beneficiador e beneficiado.

As constantes falhas na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio em 2010 também deram margem à indignação pública. À época, Hélio Gaspari, importante colunista de *O Globo*, cunhou o interessante neologismo *burocrata-companheiro*. Observemos que *burocrata* reporta-se à burocracia tomada em seu sentido pejorativo. Conforme Houaiss (2009), trata-se de um sistema de execução de atividades públicas encarado como uma estrutura ineficiente, inoperante, morosa na solução de questões e indiferente às necessidades das pessoas. A denominação é irônica, pois faz menção aos erros repetidos do Ministério da Educação na aplicação da prova. Veja-se também a referência crítica na utilização da palavra *companheiro* – uma marca registrada de Lula –, que de alguma maneira dá a entender que a culpa também é do ex-presidente, porquanto os funcionários do MEC são naturalmente células do seu governo.

Do mesmo colunista é a ácida criação vocabular *doutor-caloteiro* (*O Globo*, 18/07/2010), uma apreciação desfavorável a 400 acadêmicos que cursaram doutorado no exterior com bolsas pagas pelo governo. Com o título nas mãos, não retornaram ao Brasil, nem devolveram o montante investido. Cabe observar que a junção de bases com conteúdos semânticos contrastivos possui um forte poder evocatório: *doutor* sugere solenidade, respeitabilidade, admirabilidade, ao passo que *caloteiro* se reporta a algo torpe, censurável, desprezível.

As eleições de 2010 ficaram marcadas por candidatos que usaram sua exposição na mídia para obterem votos. O caso mais célebre foi protagonizado pelo palhaço Tiririca, o qual conseguiu mais de um milhão e trezentos mil votos na eleição para deputado federal de São Paulo. Um leitor de *O Globo*, em alusão ao fato, assim se pronunciou:

“Uma boa parcela do Brasil é definitivamente formada por gente exótica e que vota de forma funambulesca, ignorando as consequências culturais e sociopolíticas de seu – obrigatório – voto. Nem Miró saberia pintar um quadro extrapolítico tão surrealista, tampouco Júlio Verne imaginaria **candidatos-science-fiction** tão fantasiosos.” (*O Globo*, 10/10/2010)

O exotismo da palavra em realce é talvez o que mais chama a atenção nesse caso. O composto híbrido mescla uma expressão inglesa (*science fiction*) e uma palavra portuguesa (*candidato*), de sorte que tal combinação, imbuída de ironia, põe em relevo

toda indignação do leitor em face da irresponsabilidade de parte dos votantes nas eleições de 2010. Releva ter em conta a relação estabelecida com o conhecido autor Júlio Verne, notório por ter escrito boas obras de ficção científica.

Com respeito às licitações para a construção e/ou reforma de estádios na Copa do Mundo de 2014, a revista *Veja* denunciou, em 2010, supostos favorecimentos políticos na construção do Castelão, estádio do Fortaleza/CE. Sugeria-se que a Marquise, empreiteira de José Carlos Pontes, tinha grandes chances de vencer uma licitação milionária para a construção do estádio porque gozava de influência política junto ao governo de Cid Gomes, governador do Ceará. A revista ainda afirmava que a empresa enfrentava alguns problemas na justiça por obras inacabadas e questionava se a mesma dispunha de gabarito para levar a efeito uma obra dessas proporções. Numa interessante amálgama de campos semânticos¹¹, Pontes foi alcunhado de *craque-empregado* (*Veja*, 30/06/2010) por um repórter da revista. O neologismo, como se é de supor, alude aos empresários que, com eficácia e esperteza, usam sua empreiteira para negócios escusos e para favorecimentos próprios.

Ainda no campo das licitações, ficou notório em 2010 o projeto do trem bala brasileiro, que ligaria Rio de Janeiro a São Paulo. A ideia foi ironizada por uma leitora de *Veja* que, a partir da palavra *trem-bala*, criou, por analogia, outras formações. O projeto, idealizado pelo Governo Lula, demandaria um gasto exorbitante. Argumenta-se que, enquanto o governo sonha com intentos não tão urgentes, outras áreas básicas, com problemas sérios, estariam sendo negligenciadas. Eis as palavras da leitora, segundo as quais:

“Nós realmente precisamos de: **hospitais-bala**, **educação-bala**, **segurança pública-bala**, **emprego-bala**, **transporte público-bala**.” (*Veja*, 25/08/2010)

Outra combinação bastante sugestiva encontramos nas criações vocabulares *família-laranja* e *avô-laranja* (*Veja*, 11/08/2010). Como sabemos, *laranja* nomina, conotativamente, uma pessoa, ingênua ou não, cujo nome é usado por outrem na prática de irregularidades financeiras, de modo a ocultar a identidade do verdadeiro possuidor dos bens, do dinheiro etc. Conforme noticiou a revista, o conhecido político Joaquim Roriz era suspeito de usar membros de uma família como laranjas em algumas fazendas suas para fraudar o fisco. Curiosamente, algumas dessas propriedades produziam laranja em larga escala. Inteligentemente, o jornalista-criador valeu-se dessa coincidência – e de uma flutuação semântica no que respeita ao sentido denotativo e conotativo do item lexical *laranja* – para fazer troça da situação, imprimindo mais expressividade ao seu texto.

No início de 2010, já se sondava o que o ex-presidente Lula faria depois da aposentadoria – lembremo-nos de que ele terminaria seu segundo mandato como presidente do Brasil. Em face da situação, os jornalistas puderam exercitar novamente sua veia cômica na criação do neologismo *projeto-pijama* (*Veja*, 03/11/2010), título de uma pequena nota cujo tema era a agenda de Lula pós-presidência.

¹¹ Consoante Azeredo (2008, p. 411-412), campos semânticos são definidos como qualquer agrupamento de palavras da mesma classe gramatical associáveis segundo relações semânticas variadas (sinonímia, antonímia, complementaridade etc). Assim, *craque* pertence ao campo semântico do futebol e *empregado*, ao campo semântico dos negócios.

Em alusão aos rumos tomados pela campanha presidencial do Partido dos Trabalhadores em 2010, cunhou-se o satírico neologismo *técnico-administrativês-obsessivo*¹². À época, a candidata Dilma Rousseff sustentava sua campanha fundamentalmente com realizações do Governo Lula. Exibiam-se números dos feitos do ex-presidente, atestando o crescimento do Brasil no período em que o político foi presidente. Clara estava a sugestão de que, caso Dilma fosse eleita, o Brasil continuaria sua marcha para o desenvolvimento. Para o criador da palavra, as propostas reais não foram suficientemente debatidas, motivo pelo qual censurou os rumos da campanha petista, que se apoiava basicamente em dados técnicos. Observe-se, por fim, o neologismo *administrativês* (administrativo + -ês), que denomina, por vezes pejorativamente, a linguagem impregnada de termos técnicos da área administrativa.

Para finalizar esta seção, citemos dois vocábulos criados com propósitos maiormente humorísticos que se baseiam em características físicas e/ou comportamentos dos políticos a quem se referem. O primeiro, *radical-cabeludo*, alcunha com graça o ex-deputado federal Babá (PSOL), por causa de seus longos cabelos e postura combativa. O segundo, *chique-careta-burguês*, criado pelo *personal stylist* de Dilma Rouseff, Celso Nakamura, reporta-se ao estilo da presidente Dilma Rousseff, que, como se infere, é requintado, mas deixa transparecer convencionalismo ou presunção.

Palavras finais

Por meio dessas breves e ilustrativas análises, pretendemos demonstrar que os compostos em português podem converter-se em vigorosos recursos estilísticos. Para tanto, foi necessário pôr em evidência a contraparte expressiva da língua, a contraparte que permite ao homem manifestar sua subjetividade em relação a tudo que o cerca. Nesse percurso, empreendemos uma análise que congregou não apenas informações linguísticas, senão também informações relativas ao plano contextual da formação de palavras. Desse modo, pudemos perceber que a língua, para além da simples representatividade, assume, inelutavelmente, uma contraparte expressiva.

Como procuramos mostrar também, as áreas da linguagem contempladas em nosso estudo (nesse caso, lexicologia, morfologia e estilística) podem ser estudadas em interface, permitindo-nos ter uma visão mais global dos fenômenos linguísticos não apenas em textos de natureza política, como também em outros tipos de textos. Assim sendo, a composição satírica só tem razão de ser se imersa em contextos enunciativos que lhe garantam uma função. Sobressai-se, pois, um efeito de estilo, indispensável às metas comunicativas do enunciador no ato discursivo.

A partir de textos em que preponderam a argumentação, as tensões, os interesses, e o inconformismo – textos que, portanto, favorecem a expressão da subjetividade –, pudemos perceber que os enunciadores se valem, frequentemente, dos recursos linguísticos que agregam ironia, humor e criticidade às mensagens. Parece-nos evidente a importância dos compostos satíricos em contextos políticos, visto que, nesses casos, a força impulsionadora das criações vocabulares é a expressividade. Nos termos de Roman Jakobson¹³, poderíamos falar, assim, de neologismos expressivos, cuja principal função é a manifestação anímica.

¹² “De um lado temos a motoniveladora desse enfoque **técnico-administrativês-obsessivo**: índices e mais índices (alguns deles muito bons, aliás) (...)” (*O Globo*, 12/09/2010).

¹³ JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

Nesse sentido, cremos ser lícito afirmar que a composição presta-se, nos termos de Basílio (2003), à função discursiva da formação de palavras, sendo, além disso, um processo dos mais expressivos no âmbito dos processos de formação de palavras em português.

Referências bibliográficas

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.
- ALVES, Ieda M. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 7. ed. São Paulo, Ática, 2003.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. *A nova ortografia: o que muda com o novo acordo ortográfico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- _____. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 3.0*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009. CD-ROM.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- LOPES, Bruno Silva. *A dinamicidade lexical em textos de domínio político: ecos das eleições de 2010*. 169f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005.